



Correio da Umbanda

Edição 14 - Fevereiro de 2007

Artigo – Autor / Remetente / Instituição.....	Pág
Projeto “ Para ver a Umbanda Passar” – Marco Boeing / ASSEMA	02
Pesquisa / Marcilene Souza/ Luciana de Moraes.....	03
Além da Vida – Norberto Peixoto / Choupana do Caboclo Pery	04
Orixás – Etiene Sales / env. Marco Boeing / ASSEMA	06
Homenagem aos 10 anos de união dos Dirigentes da ASSEMA – Paulo Vicente / TESE	08
Cigana Sarita – Lista da Choupana do Caboclo Pery/ env. por Leni Saviscki	10
Mensagem de Luz – Sandro as Costa Mattos/ APEU.....	13
Mironga de Umbanda para problemas afetivos – env. por Sandra Gonçalves	14
Umbanda Verdadeira é... – Sandro Pichelli	15
Mediunidade Mercantilizada - Norberto Peixoto / Choupana do Caboclo Pery.....	16
Minutos de Sabedoria – C. Torres Pastorino/ env. Maria Luzia Leitão do Nascimento	
Cantinho Pai Cipriano	17
O Surgimento de um novo Templo – Paulo Vicente / TESE	18
O Bambu Chinês – autor desconhecido / env. Choupana do Caboclo Pery	19
Os cânticos, tambores, sopros, assobios e chocalhos dos caboclos da Umbanda - Norberto Peixoto / Choupana do Caboclo Pery	21
Você já pensou na Grandeza da amizade? – Sérgio Kawanami / GECPA.....	22
Luxo na Umbanda? Necessidade ou Vaidade? / Sando C. Mattos / APEU.....	24
A Fé e a Ciência – Matéria revista Veja/ env. por Mauricio Gavanski/ TESE.....	26
O Trabalho na Umbanda - Norberto Peixoto / Choupana do Caboclo Pery.....	34
De que Modo Vossa Consciência pode Auxiliar os Outros – Santo Aéolo	
Choupana do Caboclo Pery	34
Ciência e Vida – O Globo / env. por Ivan Cabrera	36
Escutatória – Rubem Alves / Choupana do Caboclo Pery	38
Pesquisa do Correio da Umbanda	41
Instituições que contribuíram para essa edição	42
Expediente	45

Projeto “PRA VER A UMBANDA PASSAR”

A Prefeitura Municipal de Curitiba, por intermédio da Fundação Cultural de Curitiba, abriu um edital para projetos relativos ao levantamento de bens imaterias da Cidade de Curitiba.

Para nossa alegria o projeto que foi aprovado em primeiro lugar com 95 pontos (de 100) possíveis foi um projeto sobre a Umbanda:

“PRA VER A UMBANDA PASSAR: DO ESQUECIMENTO A LEMBRANÇA.
LEVANTAMENTO E MAPEAMENTO DOS TERREIROS UMBANDISTAS EM CURITIBA, COMO
ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA MEMÓRIA CULTURAL DA CIDADE.”

É mais uma ação em prol, da umbanda e que acredito ser importante que todos nós umbandistas de Curitiba participemos.

Segue abaixo a carta de apresentação com o número do edital que pode ser consultado na pagina da Fundação Cultural de Curitiba.

Podemos ajudar neste projeto não apenas passando contatos de nossas casas para que a equipe do projeto possa visitar e entrevistar as pessoas, como também passar para eles endereços e indicações de terreiros que conhecemos.

Depois de feita a pesquisa será feito um documentário que será mais uma ferramenta de divulgação da Umbanda.

Quem puder nos ajudar pode entrar em contato com os seguintes e-mails:

correiodaumbanda@gmail.com

lenagsouza@yahoo.com.br

afrolena@hotmail.com

marco@assemacuritiba.com

Contamos com a ajuda de todos
Abraços

Marco Boeing – ASSEMA/Curitiba

PESQUISA

“PRA VER A UMBANDA PASSAR: DO ESQUECIMENTO À LEMBRANÇA. LEVANTAMENTO E MAPEAMENTO DOS TERREIROS UMBANDISTAS EM CURITIBA, COMO ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA MEMÓRIA CULTURAL DA CIDADE.”

Prezados (as) Senhores (as),

Vimos através desta, nos apresentar como integrantes da equipe responsável pela realização da pesquisa *“Pra Ver a Umbanda Passar: do esquecimento à lembrança. Levantamento e mapeamento dos terreiros umbandistas em Curitiba, como elementos constitutivos da memória cultural da cidade.”* Este projeto de pesquisa foi aprovado pelo edital nº 016/2006 da Fundação Cultural de Curitiba, que aceitou projetos relativos ao levantamento de bens imateriais da cidade de Curitiba, e é financiado pelo Fundo Municipal de Cultura.

A pesquisa visa realizar um levantamento e mapeamento dos terreiros de umbanda em Curitiba, com o intuito de dar visibilidade a estes espaços no interior do cenário sócio-cultural da cidade. Nela, os terreiros serão tomados como espaços em que a prática e a expressão da religiosidade constituem referência cultural para a comunidade. Não pretendemos aqui focalizar de maneira específica os ritos e festividades associados à umbanda, mas identificar estes locais como suportes da memória coletiva. Lembramos que a intenção não é estabelecer cada terreiro ou alguns terreiros como patrimônio imaterial de Curitiba, mas sustentar como bens culturais de natureza intangível o conjunto de terreiros de umbanda no município.

Ressaltamos que esta pesquisa permitirá dar visibilidade à diversidade da composição étnica de Curitiba, trazendo à tona elementos que até o momento tiveram papel marginal quando se pensa na memória coletiva curitibana. Além disso, ainda que a pesquisa se restrinja a um levantamento e mapeamento no interior do município de Curitiba, poderá contribuir para o conhecimento e resgate da umbanda como expressão religiosa no cenário nacional.

No que se refere à discussão sobre patrimônio, a umbanda e os locais de realização de seus rituais se desenham como um objeto que pode atravessar a suposição de que o registro e tombamento possam revestir os bens culturais de natureza intangível de uma certa imobilidade ou congelamento. Isto porque tal forma religiosa traz no seu interior a própria diversidade e polifonia das expressões culturais curitibanas.

Desta maneira, contamos com sua colaboração para a realização deste projeto, e nos colocamos à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários.

Gratas

Marcilene G. Souza - Coordenadora (41) 9123 1198

Luciana de Moraes - Pesquisadora (41) 9223 2006

ALÉM DA VIDA

O que nos espera depois da morte física? Esta é uma pergunta que muitos se fazem ante o desconhecimento do que os aguarda, alimentam o terror da morte. Pessoas há que sequer ousam mencionar a palavra, como se isso fosse atrair o fato para si ou para os seus. Mas isso não impede que a morte chegue.

O medo de morrer está muito em função do desconhecimento de que para além da vida corporal existe a verdadeira, a vida espiritual.

Embora alguns ainda duvidem, é uma certeza. Dr. Raymond Moody Jr, com residência na Escola de Medicina da Universidade de Virgínia, nos Estados Unidos, possui larga experiência sobre o assunto. Com vários livros publicados, ele relata os casos de pacientes que tiveram experiências de quase morte.

Isto é, pessoas que sofreram problemas graves, que quase lhes assinalaram a morte e retornaram, contando o que lhes aconteceu naquele período. Embora alguns tratem tais relatos como alucinação, não se pode conceber que ao retornarem ao corpo, após a morte aparente, tais criaturas relatem fatos, situações, quase sempre confirmadas.

Mais recentemente, Dr. Moody passou a analisar o caso de crianças que sofreram morte aparente. Porque, diz ele, se o adulto teve tempo para ser influenciado e modelado pelas experiências de sua vida e crenças religiosas, as crianças não estão profundamente influenciadas pelo ambiente cultural e nelas a experiência adquire um certo frescor.

É o caso da garota de sete anos que, ao atravessar um trecho congelado do rio, caiu e bateu a cabeça. Desmaiou e permaneceu inconsciente por doze horas. Durante esse tempo, o médico não sabia se ela iria morrer ou viver. A garota se viu em um jardim extraordinariamente belo, com flores semelhantes a dalias enormes.

Olhou em volta e viu um ser. Sentiu-se amada e acalentada pela sua presença. Foi uma sensação deliciosa, como jamais experimentara em sua vida. O ser então lhe disse: você vai voltar. E ela respondeu: sim. Ele perguntou porque ela queria retornar ao seu corpo e ela disse:

porque minha mãe precisa de mim. Depois disso, sentiu-se descendo por um túnel. Acordou na cama, levantou-se e disse: oi, mamãe.

Essa é uma boa evidência de que há vida depois da morte. Prosseguiremos a viver sim, porque o espírito é imortal e haverá de retornar, muitas vezes ainda, ao cenário da Terra, até sua completa depuração.

Você sabia?

Você sabia que, quando as crianças relatam suas experiências de quase morte, constata-se que um número surpreendente delas se vêem em corpos espirituais adultos? Tal fato está levando expoentes da psiquiatria, da psicologia e da psicanálise à conclusão de que o homem não é um ser físico, vivendo experiências espirituais, mas um ser espiritual, temporariamente ligado a um corpo físico.

É a ciência levando o homem a reconhecer as verdades já propaladas desde a remota Antigüidade e divulgadas por Jesus.

Texto com base no cap. 3 do livro A luz do além, de Raymond Moody, Jr., Ed. Nórdica.

Mensagem divulgada na lista da
Choupana do Caboclo Pery – Porto Alegre – RS
<http://www.choupanadocaboclopery.blogspot.com/>

Enviado por Norberto Peixoto
Choupana do Caboclo Pery – Porto Alegre – RS

norpe@portoweb.com.br

Orixás

Orixás são divindades.

Fagulhas de um sagrado que mistura o entendimento humano, nossa capacidade de entendimento de tais seres, com a força emanada por eles que nos dão sustento.

Principalmente nos piores momentos de nossas vidas.

Orixás são vida.

Uma chama tranqüila de vida que nos desperta para uma outra consciência, em que não existe bem nem mau, mas um significado para todos os nossos atos e ações.

Fazendo com que saibamos que eles estão lá, em um lugar qualquer, nos orientando, nos guiando, nos enriquecendo de sabedoria.

Porém, não são responsáveis pelos nossos erros, nossas escolhas ruins, nossos infortúnios, nossas quedas, nossa ignorância, pois Eles avisam, alertam, orientam ...

Mas é nossa a vida e são nossas as escolhas.

Orixás são caminhos.

Que deveríamos seguir, mas acabamos desviando, tentando atalhos, uma maneira melhor e mais rápida ... Daí voltamos, e eles estão lá nos esperando. Sempre de braços abertos, mesmo que nos sacudam e nos dêem broncas, estão lá, aguardando por nós.

Orixás são temperança.

Têm vontade própria, caráter, glória, perseverança, bondade, carisma ...

Todas as características humanas, pois somente assim poderíamos definí-los; somente assim, poderíamos descrevê-los; somente assim, eles poderiam se revelar diante de nós.

Como um espelho onde é refletida a nossa imagem, mas que tem sua própria têmpera e brilho, os quais não podemos ver com os nossos frágeis olhos, porém, sabemos que Eles estão alí, pois a força que vem do olhar do reflexo é algo a mais que não enxergamos, mas que podemos apenas sentir. Vemos, mas não enxergamos, apenas sentimos.

Orixás são idealizações.

Onde eles se colocam tudo do que há bom, e onde não conseguimos alcançar esse bom.

Ao contrário, só sabemos pedir, arriar, oferecer, obrigações materiais, onde não vemos o retorno útil, pois somos egoístas demais, ignorantes demais, brutos demais e muitos não sentem o retorno daquilo que é oferecido e revertido em nossas vidas. A transmutação da matéria ofertada

em energia geradora de uma construção interior que poucos ainda conseguem entender e utilizá-la em suas vidas.

Orixás são luta.

Luta pela vida, por viver, por continuar, por existir, pela família, pelos amigos, pela tribo, pela glória de ser humano ... Ser especial da criação, que luta desde o ventre e continua lutando, não se deixando subjulgar nem se derrotar pelo mau do sofrimento, do egoísmo, da ganância, do soberba, da exploração do homem pelo próprio homem.

Orixás são amor.

Amor de mães, de pais, de fraternidade, de dividir a comida, compartilhar as responsabilidades, do ensinar as gerações futuras para que se possa preservar uma crença, os ritos, a doutrina, a fé.

Orixás são comunhão.

Entre Deus (Olorun ou Zamby) e os homens, nas pessoas das entidades. Dos pretos-velhos, dos caboclos, dos exus e pombogiras, dos boiadeiros, dos baianos, das crianças, dos marinheiros, dos ciganos, de tantos e tantos outros que se dispuseram a retornar para, munidos com a força de seus Orixás, orientar e guiar os homens no mundo da Terra, trocando o sofrimento pela alegria; a dor pelo alívio; a discriminação e o preconceito, pela liberdade e pelo respeito; a inveja pelo dividir e compartilhar; a ignorância pela consciência da humildade do conhecimento de ensinar e aprender ...

Orixás são a minha vida e sem eles eu não sou nada, eu não existo.

Um abraço,
Etiene Sales – GhostMaster

Enviado por Marco Boeing
Associação Espiritualista Mensageiros de Aruanda
Curitiba- PR

marco@ics.curitiba.org.br

Homenagem aos 10 anos de União dos dirigentes da ASSEMA

A Nelma e eu conhecemos o Marco e a Fátima através do Correio da Umbanda, projeto em que trabalhamos juntos para divulgar e retribuir a Umbanda um pouquinho do muito que ela já fez por nós.

Apesar de nos conhecermos no final de 2005, nesse pouco tempo identificamos idéias muito semelhantes no que se refere à forma com que se deve abraçar a Umbanda. Essa afinidade e a amizade que se formou, nos intriga e nos faz pensar que já nos conhecemos há muito tempo.

Nossos irmãos de fé fazem uma Umbanda simples, como deve ser. Isso não impede que a ritualística aqui praticada tenha sua forma, dinâmica e elementos escolhidos e dispostos com extremo cuidado e carinho. A dimensão da sua fé é enorme, mas não leva ao fanatismo. São sérios, sem perder a alegria. Dedicados, sem perder o limite. Exigentes, sem perder o bom-senso. Tem plena consciência que cada pessoa tem suas limitações e seu ritmo. A convicção na escolha da sua religião, que é uma filosofia de vida, lhes dá a força para trabalhar e colocar em prática seus ideais, seus sonhos, embora tenham seus pés sempre firmes no chão.

A gente percebe rapidamente que a Umbanda é essencial na vida deles. Que o Terreiro é sua segunda casa, onde eles estão sempre que necessário, não apenas por obrigação, para cumprir suas missões de médiuns e dirigentes. A Assema, além de ser a realização de um de seus sonhos, é seu porto seguro. É local de fé praticada com amor e razão, é local de praticar a caridade, é local de reunião, é sala de aula, é espaço de palestra, de entrevista, ou mesmo, local só para reunir os amigos para bater papo.

Nossos amigos estão sempre dispostos a estender suas mãos àqueles que tem menos do que eles. Compreenda-se nesse contexto, além da prática da caridade, a demonstração de amizade para aqueles que passam por momentos em que tem menos equilíbrio, menos ânimo, menos perspectiva, menos fé, menos esperança ou menos alegria do que eles. Muitas vezes nem é preciso pedir ajuda, eles tem sensibilidade para identificar a necessidade e nos oferecer apoio.

O grupo que eles dirigem é jovem como eles. Tem suas raízes sólidas e saudáveis. A união e o amor com que se reúnem semanalmente para prática da fé e da caridade, lhes permite

superar as dificuldades, e por certo lhes traz o merecimento de serem acobertados e orientados pelo mundo espiritual.

Faz parte da essência desta casa, abrir suas portas, integrar-se com outras casas. Aqui somos recebidos por todos, sempre com muito carinho. Por isso, nos sentimos bem, vibramos em conjunto, trabalhamos em harmonia para nossa Umbanda querida.

A Fátima e o Marco são, acima de tudo, amigos dos seus amigos.

Vida longa a eles, a este grupo e a esta casa.

Parabéns pelos 10 anos de casamento, desejamos muitos mais pela frente.

Parabéns pela caminhada espiritual, que o aprendizado seja constante e lhes acompanhe pela eternidade.

Para encerrar vou ler uma parte de um texto, que providencialmente recebi ontem de uma irmã de fé umbandista:

“Certos amigos são indispensáveis, simples como aquela estradinha de terra no interior, onde do alto da colina podemos avistá-la inteirinha, sabemos onde podemos ir e onde podemos chegar, são transparentes e confiáveis.

Na viagem da vida, que pode ser longa ou curta, amigos são mais do que estradas, são placas que indicam a direção, e naqueles momentos em que mais precisamos, por vezes são o nosso próprio chão”.

A benção aos guias de luz que assistem a todos na ASSEMA.

Salve todos que vão trabalhar!

Salve a Umbanda!

Paulo C. L. Vicente
Templo Espiritualista Sol e Esperança
Curitiba- PR

pauloclvicente@gmail.com

Cigana Sarita

Sarita acordava sentindo o cheiro das flores que trazido pelo vento que balançava a alva cortina da janela. O sol estava radiante lá fora e embora ela já estivesse sentindo-se bem melhor, ainda não tinha coragem de sair da cama. O quarto aconchegante na sua simplicidade, era convidativo ao descanso. Absorta em seus pensamentos, nem percebeu a presença do enfermeiro que entrara com o seu desjejum e que parado a observava. Olhava os pássaros que pulavam de galho em galho num festival de alegria, como a saudar a vida, quando foi desperta pelo “ bom dia” de Raul.

- Oh...desculpa eu estava distraída.
- Encontrá-la acordada é muito bom. Vamos ao desjejum pois hoje nós vamos levantar desta cama e ensaiar os primeiros passos no seu novo mundo.
- Não me sinto capaz de caminhar ainda. Na verdade não sinto minhas pernas.
- Sarita, já conversamos sobre isso. É apenas impressão trazida no seu corpo mental. Você só precisa tomar uma decisão firme que quer caminhar e assim se processará. Essas pernas que te acompanharam além túmulo são saudáveis. Foram longos anos de dor e sofrimento, mas agora tudo acabou, é preciso que se conscientize disso e reaja.

Com a paciência e disciplina de um instrutor, Raul conseguiu com que Sarita desse seus primeiros e cambaleantes passos. E em poucos dias entusiasmada com a beleza do local, esqueceu da suposta limitação já caminhava feliz por aquele maravilhoso jardim, que mais parecia um bosque.

Passara-se alguns anos do calendário terreno desde essa época e Sarita lembra-se ainda emocionada de sua história triste com final feliz. Não havia como não recordar, especialmente agora que estava em treinamento naquela colônia espiritual para assumir um trabalho junto aos encarnados. Apreensiva lembrava da manhã em que foi convidada a frequentar os bancos escolares, por seu “ mestre-anfitrião” .

Como estivesse já ambientada com o local e sabedora de como eram distribuídas as funções de acordo com a afinidade e principalmente necessidade de cada espírito, sabia perfeitamente que não seria chamada ao trabalho de “ anjo-de-guarda” , mas tendo a certeza de que suas funções se dariam no plano terreno, isso a atemorizava um pouco, pela experiência da última encarnação.

No curso, os ensinamentos todos recebidos eram perfeitamente adaptados ao aluno de acordo com as experiências trazidas e no final deste, Sarita não tinha mais dúvidas. Trabalharia nas fileiras da nova religião que se instalava no país onde vivera sua última encarnação, a Umbanda. Pelo seu conhecimento magístico mal aproveitado, teria que direcioná-lo agora para se fazer cumprir a lei. Em breve seria apresentada ao médium com quem trabalharia como Pomba Gira, mas de antemão já sabia que embora ele fosse umbandista, tinha preconceito com essas entidades. O desafio recomeçava.

Olhando a lua que bailava por entre as estrelas, Sarita deitada sobre a relva meditava, fazendo uma retrospectiva de sua última encarnação. Lembra-se de sua infância feliz vivida junto de muitas outras crianças, naquela vida nômade que levava sua trupe. A adolescência onde seus “dotes” ou poderes mágicos se acentuaram e quando começou a ser a cigana mais requisitada

para ler as mãos das pessoas. Sua tenda, onde quer que estivessem havia sempre freguês certo e era através dela que obtinham a maior renda para a sobrevivência do grupo todo.

Após febre muito forte sofrida em função de uma infecção adquirida, Sarita sentiu que seus “poderes” de adivinhação haviam sumido, mas de maneira alguma deixou aparentar isso ao grupo ou a quem fosse e daí em diante passou a fingir e cobrar mais caro por isso. E o dinheiro fácil passou a entusiasma-la e como sempre fora muito vaidosa, agora podia se cobrir com as jóias mais caras e deslumbrantes e vestir-se com as sedas mais finas.

Tornou-se a cigana mais respeitada e logo assumiu o comando do grupo. A ternura angelical daquela jovem agora desaparecia, dando lugar a um radicalismo quase maldoso quando agia em defesa dos seus. Seu povo era muito perseguido e discriminado naquelas terras e isso fazia com que Sarita procurasse ganhar muito dinheiro e para tal não media conseqüências, para com isso adquirir poder se impor diante das perseguições.

Numa emboscada que se fez passar por um acidente, Sarita desencarnou deixando seu povo sem líder e desesperado. A dependência de seu povo era tamanha que não sabiam mais pensar sozinhos e a morte daquela cigana a quem consideravam quase uma deusa os pegou desprevenidos. E nesse desespero buscavam a ajuda do espírito de Sarita, pois acreditavam que agora virara santa e que certamente, mesmo do outro lado, ela não desampararia seu povo.

Em função disso criaram cultos e os peditórios foram aos poucos, se espalhado além do povo cigano e o túmulo de Sarita virou santuário, com filas enormes de pessoas que se aglomeravam em busca dos milagres.

Ignorando a realidade do lado espiritual, não sabiam o mal que estavam fazendo aquele espírito que desesperado se via fora do corpo carnal, mas grudado nele, sentindo sua deterioração. Em desespero total e agarrada as suas jóias com as quais foi sepultada, Sarita pedia socorro. Os amparadores espirituais lá estavam querendo ajudá-la, mas ela sequer os enxergava dentro do seu desespero e revolta pelo acontecido.

Ouvia toda a movimentação que se fazia fora de seu túmulo e por mais que gritasse, ninguém a ouvia. Se existia inferno, o seu era esse. Tudo aquilo durou longos e tenebrosos anos, até o dia em que seu túmulo foi assaltado durante a noite e os ladrões levaram suas preciosas jóias. Em desespero, assistindo a tudo nada podia fazer, restando-lhe apenas um monte de ossos. Só então se deu conta de sua verdadeira situação e lembrou do que sua mãe a ensinara quando pequena sobre a vida após a morte.

A lembrança de sua mãe a fez chorar, implorando que ela a viesse tirar daquele sofrimento. Depois disso desacordou e só após muito tempo hospitalizada no mundo espiritual é que acordou, sabendo do isolamento que se fizera necessário em função das emanações vindas da terra, por causa de sua falsa “santificação”

Seu povo agora usava a imagem da idolatrada Sarita em medalhas que eram vendidas como milagreiras, além de manter seu túmulo como verdadeiro comércio visitado por caravanas vindas de lugares distantes.

Lembrava do dia em que, já curada e equilibrada pode visitar aquele lugar junto com seus amparadores, para seu próprio aprendizado e das palavras sábias de seu instrutor:

- Filha, o mundo ainda teima em manter os mercadores do templo. Criam-se os milagreiros que após o desencarne passam a ser santificados de maneira egoísta e mesquinha, preenchendo o vazio que a falta de uma fé racional se faz no coração dos homens. Mentiras mantidas por pastores que visando o brilho do ouro, traçam caminhos duvidosos e perigosos para suas ovelhas, dando com isso, imenso trabalho à espiritualidade deste lado da vida. Criam uma farsa que é mantida pelo desespero de pessoas ignorantes e sofredoras, obrigando-nos a formar verdadeiros exércitos de trabalhadores com disponibilidade de atendimento a essas criaturas.

Mesmo assim, por mais errado que seja esse tipo de atitude, a Luz o aproveita para auxiliar os necessitados mantendo ali um pronto socorro. E fora o sofrimento do espírito “santificado” que se vê vivo e impotente do outro lado, aliado a distorção comercial, esses lugares servem para que muitos espíritos encontrem ali o portal de retorno.

Sarita tentando manter o equilíbrio e as emoções, via o intenso movimento de espíritos trabalhadores, socorrendo os desencarnados que vinham em bando junto aos romeiros e observava pela primeira vez como aconteciam os chamados milagres.

Uma senhora chorosa, ajoelhada aos pés do túmulo implorava pelo espírito de Sarita a cura de sua filhinha que estava ficando cega devido a uma doença rara que exigia cirurgia caríssima, longe de suas possibilidades financeiras.

A fé dessa mulher e o amor por sua filha eram tão intensos que de seu cardíaco e de seu coronário exalavam chispas luminosas que se perdiam no ar. Ao seu lado, dois espíritos confabulavam analisando uma ficha com anotações e logo em seguida um deles, colocando a mão sobre a cabeça da mulher transmitiu-lhe vibrações coloridas que a acalmaram, intuindo-a a ter a certeza de que seu pedido seria atendido. Deixando algumas flores sobre o túmulo ela se retirou. Curiosa, fui ter com os dois jovens, querendo saber o que realmente acontecia nesses casos.

- Minha irmã, analisamos cada caso e dentro do merecimento de cada espírito e de acordo com a fé e sinceridade de propósitos, sempre respeitando a lei e o livre-arbítrio das criaturas envolvidas, procuramos auxiliar. Essa senhora será procurada por um grupo de estagiários de medicina que mesmo como cobaia de seus estudos, levarão sua filha a cirurgia que necessita, retornando a ela a visão.

- Ah, e certamente isso será atribuído a mim como mais um milagre.

- A você? – indagou contrariado um dos jovens.

- Sim...ah, me desculpem, não me apresentei. Sou a própria, a cigana Sarita.

- Nossa, que surpresa!!! Muito prazer! Não é todo dia que se conhece uma “santa”, brincou o outro.

Com um sorriso amarelo, Sarita tentou em vão desconversar, pois agora a curiosidade deles era maior do que a dela em saber detalhes de como tudo isso havia ocorrido. E longe dali, em lugar mais propício, junto à natureza eles trocaram válidas experiências.

Mas agora tudo isso eram lembranças. Aquele espírito em cuja última encarnação terrena viera como uma cigana que se chamava Sarita, agora no mundo espiritual se comprometia e assumir um trabalho difícil no qual sentiria de perto, novamente o preconceito dos seres humanos.

Preconceito esse tão grande e revestido de tamanha ignorância que certamente muitas vezes seria tratada como verdadeiro “demônio” sendo expulsa como tal. Mesmo assim, sabia que teria que atuar dentro da lei e ignorando tudo isso, trabalhar com muito amor, auxiliando os encarnados a se curarem das mazelas, pois só assim curaria as suas que estavam impressas em seu átomo primordial, carecendo de urgente reparo.

Enquanto seu médium girava no terreiro ecoando uma gargalhada que avisava a chegada de pomba gira cigana, romeiros continuavam buscando no túmulo da Santa Cigana Sarita, o milagre que ignoravam residir apenas dentro deles mesmos.

Mensagem divulgada na lista da
Choupana do Caboclo Pery – Porto Alegre – RS

Enviado por Leni W.Saviscki
Sociedade Fraternal Cantinho da Luz
Erechim – RS

eumesma@st.com.br

Mensagem de Luz

Não julgue pequena demais sua tarefa.

Nenhuma obra de arte pode descurar dos pormenores.

Se as minúcias forem perfeitas, é que podemos denominar alguma coisa de obra-prima. Não busque tarefas grandiosas e de evidência.

Procure dar conta integralmente do serviço pequenino que lhe foi confiado.

Da perfeição com que o executar dependerá sua oportunidade para receber uma incumbência maior.

Texto enviado por Sandro C Mattos
Associação de Pesquisas Espirituais Ubatuba
São Paulo – SP

scm-bio@bol.com.br

Mironga de Umbanda para problemas afetivos

Mironga é como chamamos o feitiço de preto-velho, a mandinga de negro em favor aos filhos que o procuram. Aqui vão algumas mirongas que essa nega véia tem a ensinar para resolver as dificuldades do coração. Leia tudo com muita atenção e principalmente, aplique isso no seu dia-dia. Grande é a força dessas pequenas dicas...

1 – Aprenda a viver sozinho. Caso você não consiga nem viver consigo mesmo, como poderá levar felicidade e alegria para outra pessoa? Primeiro relacione-se com seu eu interior. Depois busque alguém.

2 – Assuma a responsabilidade pelo seu relacionamento. Não é magia, inveja, ciúmes de terceiros, etc, que irá separar aquilo que o amor uniu.

3 – É claro que também nenhuma simpatia, reza ou trabalho irá unir ou “amarrar” aquilo que a falta de carinho desuniu.

4 – Simplificando: quem procura as coisas ocultas para resolver problemas sentimentais é imaturo. Ruim do juízo e doente do coração.

5 – Desapegue-se! Ser humano é um bicho apegado. O único problema é: o amor é um sentimento livre. Um eterno querer bem. Um carinho incondicional. Quase um sentimento de devoção. Se você “gosta” tanto de alguém, que prefere ele “morto” do que feliz com outra pessoa, escute: Isso não é amor! Simples ilusão disfarçada...

6 – Aprenda que ninguém irá te completar. Você já é completo! Mas quando um relacionamento é calcado no mais puro amor, muito do amado vive no amante, e muito do amante pra sempre viverá no amado. Quer milagre maior que esse?

7 – Melhor sozinho do que mal acompanhado! Sabedoria popular, mas o que têm de doutor e doutora que não consegue entender isso.

8 – Ponha o pé no chão e esqueça essa história de alma gêmea. Pare de enfeitar suas próprias decepções com devaneios ditos espiritualistas. Encare a realidade de frente.

9 – A vida vai passando, com ele/a, ou sem ele/a. E a morte se aproximando...

10 – Por isso, vão viver a vida meus filhos! Quem sabe ela não está guardando um presente para vocês? Não existe mironga maior que essa...

Vó Dita – 11/02/07

Texto extraído do site: <http://blog.orunananda.zip.net/>

Enviado por Sandra Aparecida Gonçalves
Centro de Umbanda Pai João de Angola
São Paulo – SP
Sandra@tendai.com.br

Umbanda Verdadeira é...

Um dia um médium estudando sobre a diversidade da Umbanda se deparou com uma questão que gera muita polêmica e discussão entre os próprios Irmãos de Fé.

Como seria a Umbanda verdadeira?

Perguntando para um ou para outro Irmão de Fé, sobre qual Umbanda seria a correta, acabou colhendo respostas que o deixavam ainda mais confuso.

Na maioria das respostas, ele encontrava Irmãos cheios de Vaidade e Orgulho em seus corações, que sempre queriam mostrar que a "sua" Umbanda era a correta.

Alguns diziam que era a Umbanda Esotérica, outros a Umbanda Traçada ou Umbandomblé, pois a Umbanda vinha do candomblé, alguns diziam que não era nenhuma nem outra e sim como Ela, a Umbanda é.

Mas, como Ela é? Todas são Umbanda? Qual seria a correta?

A resposta só veio algum tempo depois nas palavras de um Humilde Pai Véio.

O médium vendo que seus estudos não saciavam suas indagações, resolveu então perguntar a um amigo, que ele sabia que esse amigo lhe daria a resposta.

E foi assim que ele fez.

"Pai Preto, diante de tantas Umbandas que existem aqui nessa terra, qual seria a Umbanda verdadeira?"

O Preto Velho sorridente olhou para seu Filho e humildemente falou:

"Zim Fi, a Umbanda verdadeira é Aquela que se tem a Fé verdadeira, que se pratica a Caridade verdadeira, com Amor verdadeiro... Ê ê!"

E foi a partir dessa resposta que o médium passou a entender a diversidade da Umbanda.

Se tiver esses três elementos básicos, que são:

- A Fé, a Caridade e o Amor VERDADEIROS, não importam as formas dos cultos, não importa a ritualística, o que importa é a vontade dos filhos de Fé em praticar essa Trindade.

FÉ, AMOR E CARIDADE!!!
Salve os Pais Pretos e as Mães Pretas!!!

Sandro Pichelli
Núcleo Umbandista Cristão do Japão
spichelli@hotmail.com

Mediunidade mercantilizada

Filhos da Terra

Nos dias apocalípticos, o que não falta na lavoura, são adubos às ervas daninhas. Eles incentivam o broto de toda desordem que desce dos mentais atribulados pelos latentes erros do passado, acordando entre outras as ressonâncias do tempo em que ainda as religiões eram usadas mais como escudos da nobreza e do poder, do que como religião das criaturas com o Supremo Senhor do Universo.

Dias nebulosos em que o vil metal tilintava nas mãos daqueles que intitulavam-se senhores da verdade e quando para tudo existia uma justificativa. Dízimos, centésimos, tributos cobrados daqueles cujo suor regava a terra e as sementes. Por outro lado, vendia-se à moeda de ouro o potencial mediúnico e curador recebido de graça das hostes celestes, distorcendo e escurecendo a magia divina.

Quando os ventos varrem o planeta tentando separar o joio e o trigo, identificando a erva daninha que é protegida pelas trevas, confundem-se os valores maiores e, mesmo dentre os "escolhidos" ou "eleitos", a imperfeição ainda existente, atíça e confunde o que pode e deve ser mercantilizado, e o que não vos pertence e portanto é dádiva ganha, impossibilitando assim, sua venda a que preço ou a que motivo for.

Repensai naquilo que vos é ofertado como "hóstia sagrada" e que deve seguir direto ao coração, mesmo antes de cair no cálice de ouro, onde reverbera a falsa imagem da matéria. Não vos deixais instigar e nem afligir por aquilo que a fé racionalizada trazida pelos instrutores espirituais, não vos aconselham. Não permitis que à desculpa de socorrer as paredes de um templo, vos coloquem como mercadores do mesmo. Recursos de toda natureza se fazem aos filhos que buscam a retidão e que não desviam o bom direcionamento dos valores da alma, imortais e atemporais.

Não vos deixais cair na tentação de usar aquilo que é sagrado para colocar moedas no bernal de quem for, pois a cada centésimo ganho com a venda da mediunidade, há de se fazer milésimo de arrependimento no além túmulo.

Jesus levava Sua mensagem em campo aberto, sem teto e sem recursos, nunca lhe faltou, no entanto, um catre para aconchegar seu corpo cansado nem um cobertor a lhe cobrir o mesmo.

A conduta de cada filho, no empenho de suas horas destinadas ao descanso e lazer, doando-as de bom grado aos Espíritos para servir-lhes de instrumento na terra, será recompensada pela colheita do bom trigo que sufocará a erva daninha e povoará a lavoura de vossas mentes, elevando-vos a um patamar onde a dor e o ranger de dentes desaparecerão.

Quem vos aconselha, o faz por já ter sentido e vivenciado no passado, o mau uso da ferramenta e por conseqüência, ter descido a escada que leva aos porões escuros de nossa casa planetária.

Saravando aos filhos, os abençô!

Vovó Benta.

Enviado por Norberto Peixoto
Choupana do Caboclo Pery
Porto Alegre – RS
norpe@portoweb.com.br

Minutos de Sabedoria

“Alguns são mais lentos, outros mais rápidos na caminhada. Não queira exigir dos outros aquilo que nem sempre você mesmo consegue fazer. Tenha compreensão pelos erros do próximo, e aguarde que possam escalar aos poucos a montanha íngreme da virtude. Ninguém pode torna-se santo da noite par ao dia. Tenha paciência com os companheiros de sua jornada na Terra.”.

“A vida é alegria, quando espalhamos apenas otimismo e amor em redor de nós. Busque sempre ajudar e servir, derramando felicidade em torno de você, e a alegria voltará para você mesmo. Procure viver integrado na Energia Cósmica, que se dá igualmente a todos, e você verá que sua vida se transformará num ato de puro amor e num paraíso de felicidades sem limites”.

“Mantenha-se calmo e sereno. Confie na Força Cósmica que enche todo o universo, inclusive sua própria pessoa. Focalize sua confiança em Deus que habita dentro de você e dentro de todas as criaturas. Liberte-se do medo, caminhe com segurança e procure ouvir as palavras de orientação, ditadas, no mais profundo de seu coração, por Deus que habita dentro de você”.

Textos extraídos do livro “Minutos de Sabedoria”, item 274

Autor: C.Torres Pastorino

enviado por Maria Luzia Nascimento
Médium do Templo A Caminho da Paz – Cantinho de Pai Cipriano – RJ/PE

O Novo Templo

Texto lido no primeiro trabalho interno, no local que será reformado para ser nossa Casa.

Faz alguns dias que este local surgiu no nosso caminho.

Pode ser uma bobagem, mas falei para algumas pessoas que me emocionei quando vi a cor das vigas de sustentação do barracão. São da mesma cor que era o Templo Anita Zippin quando o conheci. Aprendi muito e tive muitas alegrias lá. Espero que aqui aconteça o mesmo.

Aqui já houve, há no momento e por certo haverão no futuro algumas dificuldades, mas creio isso faz parte da busca do nosso objetivo.

Apesar de ter convicção que o mundo espiritual está sempre à nossa frente, e que de alguma forma nos conduziram até aqui, creio que com a sessão de hoje, vamos sensibilizar nossos sentidos e partir deste momento vamos fincar aqui a bandeira branca da paz, da nossa Umbanda querida.

O que meus olhos vêem aqui, no momento, é diferente do que meu coração sente. Meu coração sente a energia do Templo mais lindo que pode existir.

O Templo da determinação, da disposição em trabalhar para o mundo espiritual.

O Templo da dedicação e do amor que temos para oferecer aos guias de luz que pacientemente nos assistem.

O Templo da alegria no sorriso, da sinceridade e da esperança transmitido no abraço de cada irmão de fé.

O Templo da seriedade, da consciência da nossa missão, da necessidade de servir e de praticar a caridade.

Apesar de sabermos que o endereço é secundário, muitos de nós temos a necessidade de um local para chamarmos de nossa casa. Lugar que seja nosso porto seguro. Onde a gente venha praticar a nossa fé não por obrigação, mas por amor. Um lugar que faça parte da nossa vida, que se a gente deixar de ir, fica um vazio, nossa semana fica incompleta.

Temos que nos unir. Faz parte do trabalho em grupo opinar, ouvir, exercitar nossa capacidade de compreensão, e acima de tudo fazer o máximo que pudermos para ajudar.

Acredito que nosso sonho é possível, que juntos podemos torná-lo realidade, e como se não bastasse ao realizá-lo, nosso grupo se fortalecerá.

A benção e a proteção dos guias de luz que nos assistem!

Salve o Templo Espiritualista Sol e Esperança!

E Salve a Umbanda!

Paulo C. L. Vicente
Templo Espiritualista Sol e Esperança
Curitiba- PR
pauloclvicente@gmail.com

O BAMBU CHINÊS

"O mundo está abalado em seus fundamentos; reboará o trovão. Sede firmes!" Fénelon

Estava almoçando em um restaurante chinês quando descobri algo muito interessante.

O bambu chinês é plantado e, por volta de cinco anos, vai se enraizando no solo, sem ainda chegar à superfície. Depois desse tempo todo, o bambu precisa apenas de um ano para chegar até 25 metros de altura.

Devido a suas raízes firmemente ligadas ao solo, por mais que ventos fortes castiguem o bambu, ele não é arrancado do solo. O enraizamento dá a ele sustentação para sua flexibilidade.

Quando pensamos no bambu, aprendemos com ele. Em muitas áreas ouvimos, com certa frequência, a necessidade da flexibilidade. O mundo atual exige flexibilidade.

No entanto, poucos se aventuram a conquistar essa qualidade. Quando tentam, as coisas acabam lhes escapando pelos dedos. Por quê? Acredito que isso se deva à falta de enraizamento, ou seja, falta-lhes sustentação de base.

Professores, administradores, religiosos, etc. quando apostam na flexibilidade e não têm raízes tendem a não alcançar seus objetivos. Surge a bagunça e a insegurança. Talvez por isso ainda, o mais comum seja o surgimento de líderes exageradamente metódicos, que nunca se cansam de inventar regras para controlar a situação.

Muitas vezes o rigor exagerado é sinônimo de mediocridade. Não tendo autoridade, sempre se acaba apelando para uma rigidez intransigente, própria dos autoritários.

A criatividade surge nos meios onde as pessoas conhecem profundamente o que fazem, tanto que conseguem improvisar no amplo território que atuam. Só improvisa quem é sábio. O tolo aposta... arrisca levianamente e só a "sorte" poderia fazer as coisas darem certo.

Quem conhece bem o terreno pode tentar novos caminhos... ou quando se tem os instrumentos necessários para a jornada (bússola, mapa, GPS, mantimentos, etc.).

Voltando ao bambu, vale a pena pensar nesse ensinamento da natureza e utilizá-lo em nossa vida prática.

Se não temos raízes profundas de valores morais, não há como envergar e não quebrar.

As raízes são cultivadas com estudo, reflexão, experiência e, obviamente, a ética. Sem a ética, a flexibilidade pode se tornar leviandade, imoralidade, crime, desvio.

O bambu é flexível, mas continua apontando para o céu. Quem perde o rumo, se corrompe e apodrece moralmente.

O enraizamento de valores verdadeiros é a base que todos devemos ter. O crescimento, a flexibilidade e a resistência às intempéries são próprios de quem vive no mundo, mergulhado num oceano de relacionamentos.

Família, escola, empresa, templo... nos exigem muito trabalho. Mas nada que seja impossível. Se tivermos os pés no chão as coisas ficarão menos difíceis.

Como disse Fénelon, o mundo está abalado em seus fundamentos, no entanto não significa que devemos também estar abalados.

Mesmo que estejamos em um período de crises e incertezas, devemos ser firmes em nosso enraizamento de valores morais, para que sejamos flexíveis, ou seja, compassivos, compreensivos e caridosos, pois de pessoas com essas virtudes o mundo precisa de forma urgente.

Firmeza não é rigidez... da mesma forma que flexibilidade não é desequilíbrio.

Quando estamos firmes, não estamos estáticos, mas nos movimentando na vida com bases sólidas de conhecimento e moral.

Estando enraizados firmemente, a flexibilidade, pois tem sustentação, surge naturalmente, fazendo-nos viver no mundo compreendendo melhor as pessoas que estão à nossa volta e abrindo mão de fundamentalismos ou de "verdades" preestabelecidas.

O mundo em transformações traz uma complexa trama de situações. A cada uma delas, as respostas precisam ser criativas e eficazes, logo, uma visão rígida e condicionada pode ferir pessoas, pode ser prejudicial.

Quando temos raízes firmes, podemos enfrentar inúmeras situações-problemas com a mente tranqüila e alerta, tomando as decisões de acordo com os contextos, com as necessidades e com as pessoas envolvidas.

Autor desconhecido

Os cânticos, tambores, sopros, assobios e chocalhos dos caboclos da Umbanda !!

Os fundamentos dos mantras e seus efeitos curativos – vocalização de palavras mágicas – faz parte dos ritmos cósmicos desde os primórdios de nossa civilização. Os vocábulos pronunciados acompanhados do sopro e baforadas movimentam partículas e moléculas do éter circundante do consulente. Impactam os corpos astral e etérico, expandindo a aura e realizando desagregação de fluídos densos, miasmas, placas, vibriões e outras negatividades.

Se as muralhas de Jericó tombaram ao som das trombetas de Josué, os cânticos, sopros, assobios, tambores e chocalhos dos caboclos desintegram poderosos campos de força magnetizados no astral, assim como o som do diapasão faz evaporar a água. Os infra e ultrasons, o verbo sagrado, deram origem ao universo e compõem a tríade divina: som, luz e movimento.

Como o macrocosmo esta no microcosmo e vice-versa, se pronunciarmos determinadas palavras contra um objeto ou ponto focal no espaço, mentalizando a ação que este som simboliza, potencializar-se-á a intenção pelo mediunismo do caboclo manifestado no médium e energias correspondentes se movimentarão. Ao mesmo tempo, cada chacra é uma antena viva dessas vibrações que repercutirão nas glândulas e órgão fisiológicos, alterando os núcleos mórbidos que causam as doenças, advindo as “notáveis” curas praticadas na Umbanda.

Enviado por Norberto Peixoto
Choupana do Caboclo Pery

Porto Alegre – RS

norpe@portoweb.com.br

Você já pensou na grandeza da amizade?

Você já pensou na grandeza da amizade?

Diz um grande pensador que quem encontra um amigo, encontra um tesouro valioso.

A amizade verdadeira é sustentáculo para muitas almas que vivem sobre a face da Terra. Ela está presente nos lares e fora deles, na convivência diária das criaturas. A amizade é tão importante que já foi comparada com muitas coisas de valor. Um pensador anônimo compara a amizade com as estrelas, e aqueles que não têm amigos ele compara com os cometas, que vêm e vão, mas não permanecem, nem iluminam como as estrelas.

Diz ele mais ou menos assim: "Há pessoas estrelas e há pessoas cometas. Os cometas passam. Apenas são lembrados pelas datas que passam e retornam. As estrelas permanecem. O Sol permanece. Passam-se anos, milhões de anos e as estrelas permanecem. Os cometas desaparecem.

Há muita gente como os cometas, que passa pela vida da gente apenas por instantes. Gente que não prende ninguém e a ninguém se prende. Gente sem amigos. Gente que apenas passa, sem iluminar, sem aquecer, sem marcar presença. Assim são as pessoas que vivem na mesma família e que passam um pelo outro sem serem presença.

O importante é ser como as estrelas. Permanecer. Clarear. Estar presente. Ser luz. Ser calor. Ser vida. Ser amigo é ser estrela. Podem passar os anos, podem surgir distâncias, mas a marca da amizade fica no coração. Corações que não querem enamorar-se de cometas, que apenas atraem olhares passageiros e passam.

São muitas as pessoas cometas. Passam, recebem as palmas e desaparecem. Ser cometa é ser companheiro apenas por instantes. É explorar os sentimentos humanos. A solidão de muitas pessoas é consequência de não poderem contar com alguém. É resultado de uma vida de cometa. Ninguém fica. Todos passam uns pelos outros.

Há muita necessidade de criar um mundo de pessoas estrelas. Aquelas com as quais todos os dias podemos contar. Todos os dias ver a sua luz e sentir o seu calor. Assim são os amigos estrelas na vida da gente. Pode-se contar com eles. Eles são presença. São coragem nos

momentos de tensão. São luz nos momentos de escuridão. São segurança nos momentos de desânimo. Ser estrela neste mundo passageiro, neste mundo cheio de pessoas cometas, é um desafio, mas acima de tudo uma recompensa. É nascer e ter vivido e não apenas existir.

E você? Cometa? Ou é estrela?"

Enquanto o desejo é chama que se consome e deixa um vazio nas almas, a amizade é bênção que alimenta e sustenta em todos os momentos da vida. Quem compartilha apenas do desejo corre o risco de ficar só, tão logo o desejo cesse, mas quem divide a amizade tem a certeza de que nunca estará sozinho.

É por essas e outras razões que a amizade é sempre comparada às coisas belas e de grande valor. Pode ser comparada a um tesouro...

A uma flor perfumada que jamais fenece...

A uma estrela que aquece e vivifica, ou com a luz que jamais se apaga...

O importante mesmo é ter amigos ou ser amigo de alguém, porque só assim teremos a certeza de que nunca estaremos desamparados.

Texto de Sérgio Kunio Kawanami

Grupo Espiritualista Caboclo Pena Azul

Curitiba – PR

sergio.kawanami@gmail.com

Luxo na Umbanda? Necessidade ou vaidade?

Vamos refletir sobre: "necessidade x vaidade x humildade".

Não está acontecendo um exagero de vaidade na Umbanda (não da religião, mas dos adeptos)?

Vou dar um exemplo: quando o médium tem uma Entidade ou outra que usa um apetrecho de trabalho (um chapéu, um lenço, uma bengala ou mesmo outro elemento), nota-se que a necessidade desse material é do Guia, ou seja, aquele Espírito usa o chapéu, o lenço etc. para realizar seu trabalho, dentro do seu fundamento.

Mas, quando TODAS as Entidades que trabalham com o mesmo médium, ou todas do mesmo terreiro (mesmo em médiuns diferentes) precisam se paramentar, não seria mais coisa do(s) médium(ns), na maioria das vezes semi-consciente(s), do que do(s) espírito(s) atuante(s)?

Na internet, revistas e jornais, podemos ver com facilidade, fotos onde o mesmo médium (ou todos do terreiro), quando incorporado(s) apresenta(m)-se da seguinte forma: o baiano está vestido de cangaceiro, com falangeiros de seu Zé Pelintra (não concordo com o termo “Malandro”) usa terno, bengala e chapéu, o boiadeiro parece um capataz ou um coronel fazendeiro, o caboclo se veste imitando um índio (já que o de modo geral os artigos encontrados, como cocares, não são genuinamente indígenas), o ogum veste roupa de soldado romano e tem uma linda espada cravejada de brilhantes, o erê traja roupas infantis (macacãozinho, vestidinho colorido etc), o Cigano com vestes características do povo (quanto mais colorido, melhor), o Exu usa capa, tridente e cartola, etc.

O que vocês acham? Será que existe mesmo médiuns ou casas onde TODAS as Entidades atuantes precisam se paramentar?

Seria coincidência esses Espíritos escolherem, todos ao mesmo tempo, esse médium ou essa casa, para se paramentar?

Isso não seria contrário ao principal lema da Umbanda: “HUMILDADE e SIMPLICIDADE”-tão ensinado pelos nossos sábios Pretos-Velhos?

A roupa branca (símbolo de igualdade), aos poucos estaria deixando de ser a FARDA dos soldados do exército do Pai Oxalá, já que até em dias de giras comuns estão usando roupas cada vez mais esplendorosas?

Será que festa de Entidade ou Orixá precisa mesmo desse luxo todo, deixando, às vezes, um local sagrado como um templo umbandista mais parecido com uma ala de escola de samba, onde todo mundo fica "fantasiado"?

Ou será que os Guias é que são (ou estão ficando) cada vez mais vaidosos (o que não acredito)?

Irmãos-de-fé, filhos da nossa amada Umbanda: apesar do respeito às diferenças, certas questões poderiam e deveriam ser melhor estudadas ou revistas pelos seguidores do Mestre Oxalá, afinal de contas, a Umbanda veio para dar espaço a todos os filhos do Pai Celestial, principalmente aos simples e humildes (encarnados e desencarnados), muitas vezes não aceitos em outros segmentos religiosos. Com toda essa parafernália utilizada atualmente, onde os mais necessitados se encaixarão, já que muitos não podem comprar uma “roupa de Exu”, que custa mais do que muitos ganham por mês?

Lembremos que o brilho que devemos mostrar não é no luxo da vestimenta, ou seja, o lado ex-terno, pois tudo isso é ilusório, já que roupa não tem força espiritual. O que realmente importa é a essência divina que existe em cada um de nós, filhos de Deus. Esse brilho, que brota no âmago do ser é que deve ser mostrado e melhor ainda, doado, a todos aqueles que necessitam. Isso sim agrada ao Pai, aos Orixás e seus Falangeiros de Luz.

Sandro da Costa Mattos
Ogã da APEU

São Paulo – SP
Jornal da Umbanda Branca 19/01/2007

scm-bio@bol.com.br

A fé e a ciência

Matéria da revista Veja 5/2/07

Como a fé desempatou o jogo

Os antepassados humanos que desenvolveram a capacidade de crer foram os únicos a sobreviver à Idade do Gelo. Isso explica por que a fé resiste mesmo quando a ciência prova que o sobrenatural nada mais é do que química e eletricidade .

Em maior ou menor escala, em todas as sociedades modernas atuais as crenças estão mais vivas do que nunca. Mas isso não é um paradoxo, um contrafluxo na corrente racional vitoriosa do conhecimento humano? Não se convencionou que crença e ciência não combinam, são como óleo e água? Os dogmas milenares que orientam a fé de cristãos, judeus, muçulmanos ou budistas são todos muito respeitáveis, mas em pleno século XXI não são apenas anacronismos deslocados do mundo da razão e da tecnologia? Não. A novidade é que não existe paradoxo. Existe, sim, o reconhecimento dos limites dos dois campos da percepção humana dos fenômenos naturais.

Não passa um mês sem que saiam dos laboratórios explicações cabais sobre o que se pensava ser algo sobrenatural. O túnel de luz que as pessoas que estiveram em coma contam ter visto parecia misterioso e insondável. Esse túnel seria uma entrada entreaberta para a eternidade, que se deixava examinar de esguelha por alguém que estava prestes a abandonar o mundo material. Como se verá na pág. 82, essa e outras experiências sensoriais que se têm à beira da morte são todas reações mensuráveis e previsíveis do cérebro humano. Essa revelação torna os mistérios da vida e da morte menos espantosos? Não. Nada. Hoje soa arrogante e tola a reação dos orgulhosos astrofísicos nos anos 80, quando os satélites mandavam para a Terra sinais que confirmavam a teoria do Big Bang, a súbita explosão original que deu origem à matéria, à energia e às leis que regem a interação entre ambas: "Agora que a física já explicou como surgiu o universo, não há mais lugar para Deus". Tem chumbo trocado: quem pode imaginar uma reação mais tosca e pedestre do que dizer que a Lua perdeu o romantismo para os namorados depois que os astronautas americanos colocaram suas botas por lá?

Claro que o núcleo duro da melhor ciência despreza a noção de Deus. Da mesma maneira, os metafísicos de todos os sabores e cores não enxergam utilidade alguma no método científico.

O cenário atual que emana do córtex cerebral da humanidade – pelo menos da sua porção que se manifesta conectada na internet – é o de que, apesar dos avanços cada vez mais espetaculares da ciência, permanecem intactas as emoções humanas, as sensações de tremor diante do infinitamente pequeno ou do infinitamente grande. Por mais que se explique com crescente precisão como funciona o mundo natural, persiste para a maioria das pessoas a crença de que existe algo mais poderoso ainda.

Há nessa persistência, por ironia, uma explicação científica, estudada a fundo pelos cientistas. A fé, assim como as religiões criadas sobre ela, persiste por ser um componente primordial da evolução humana. Em algum momento durante a última era do gelo, que terminou 12 000 anos atrás, o homem desenvolveu o pensamento simbólico. Interessou-se em saber que tipo de força existia por trás dos fenômenos naturais. Começou a enterrar os mortos e a enfeitar seus túmulos com flores. No papel de única espécie capaz de antecipar a própria morte, o ser humano precisou vislumbrar entidades maiores e mais poderosas do que ele para conseguir suportar essa certeza. Muitos biólogos evolucionistas acreditam que as religiões – e tudo o que elas envolvem como instituições organizadas – surgiram como uma superadaptação do homem ao meio ambiente e prosperaram por conferir vantagens a seus praticantes. A crença no sobrenatural ajudou a convivência do grupo e, portanto, seria a gênese da civilização. O biólogo americano David Sloan Wilson, da Universidade Binghamton, autor do livro *A Catedral de Darwin: Evolução, Religião e a Natureza da Sociedade*, avalia que o impulso religioso se desenvolveu cedo na história dos hominídeos porque ele ajudava a criar grupos mais coesos, em que florescia o sentimento de fraternidade e solidariedade. "A crença foi uma arma poderosa na luta contra adversários menos unidos e menos organizados", disse Wilson a VEJA (*a entrevista completa está na pág. 85*).

A mais impressionante indicação de que a necessidade de cultuar um Deus está estampada na evolução humana encontra-se numa pesquisa realizada pelo biólogo molecular americano Dean Hamer, chefe do setor de estrutura genética do National Cancer Institute, e publicada em seu livro *The God Gene: How Faith is Hardwired into Our Genes* (O Gene de Deus: Como a Fé Está Embutida em Nossos Genes). Hamer afirma ter localizado no ser humano o gene responsável pela espiritualidade. Esse gene também teria a função de produzir os neurotransmissores que regulam o temperamento e o ânimo das pessoas. Segundo o livro do biólogo, os sentimentos profundos de espiritualidade seriam resultado de uma descarga de elementos químicos cerebrais controlados por nosso DNA.

A concepção de que a espiritualidade está gravada no genoma humano encontra eco numa das mais antigas religiões, o budismo. Seus adeptos acreditam que todo ser humano herda uma semente espiritual da pessoa que ela foi na encarnação anterior. Essa semente se combinaria a outras duas, herdadas dos pais, para formar suas características físicas e espirituais. Estudos anteriores ao de Hamer também conduzem à noção de que a espiritualidade está entranhada nos genes. No fim dos anos 70, numa pesquisa que se tornou célebre, cientistas da Universidade de Minnesota estudaram 53 pares de gêmeos univitelinos, ou seja, gerados no mesmo óvulo e com DNA idêntico, e 31 pares de gêmeos bivitelinos, gerados em óvulos diferentes. Todos os gêmeos haviam sido separados após o nascimento e criados a distância. Como se esperava, os gêmeos com DNA idêntico, mesmo privados da convivência mútua, apresentavam traços de personalidade, comportamento e hábitos muito semelhantes. Os gêmeos idênticos eram duas vezes mais propensos a cultivar a espiritualidade no mesmo grau de seu irmão do que os gêmeos bivitelinos. Já quando se analisava a tendência a praticar uma religião, os gêmeos idênticos apresentavam significativas diferenças entre si – sinal de que o hábito de rezar e freqüentar igrejas ou templos é adquirido culturalmente.

O fato de a espiritualidade acompanhar o homem em sua evolução é, provavelmente, o motivo pelo qual o conceito de Deus surge em todas as sociedades humanas desde tempos imemoriais, mesmo entre as mais isoladas. Já o divórcio entre a fé religiosa e a ciência, que hoje se encontra na ordem do dia, é um fenômeno recente. Até o fim do século XVIII, a Igreja Católica, assim como se confundia com o Estado, legitimando o poder monárquico com a bênção do poder divino, andava de braços dados com a ciência. O cisma ideológico entre fé e ciência começou no iluminismo, movimento surgido na França que pregava o uso da razão para explicar o mundo e o universo, desafiava o papel da religião na sociedade e propunha uma nova ordem social, na qual os interesses humanos estivessem no centro das decisões. Só no século XIX, quando o inglês Charles Darwin deixou o mundo atônito com sua teoria da evolução das espécies, que negava a criação bíblica, as divergências entre o mundo da ciência e o da religião assumiram contornos de guerra cultural.

Hoje se vive um equilíbrio precário entre ciência e fé. Nos Estados Unidos, apenas 3% dos cientistas mais respeitados, aqueles que pertencem aos quadros da National Academy of Sciences, acreditam em Deus. Biólogos, como o inglês Richard Dawkins, e filósofos, como o americano Daniel Dennett, escrevem livros e artigos tentando desqualificar a religião como um mal que anestesia as sociedades e as priva das virtudes da razão. Os religiosos contra-atacam ao insistir, por exemplo, que as escolas públicas americanas deixem de ensinar as teorias de Darwin

e as substituam pelos ensinamentos da *Bíblia*. Há também personagens ilustres que tentam contemporizar, como o biólogo americano Francis Collins, que se declara cristão, diz que ciência e religião não se misturam e que se podem cultivar ambas.

É possível que a ciência e a religião nunca se reconciliem totalmente. Afinal, o mote da primeira é a dúvida, e a razão de ser da segunda, a fé. Esta resiste na natureza humana mesmo quando a ciência prova que os fenômenos sobrenaturais na verdade são uma combinação entre reações químicas e elétricas. O melhor exemplo, no Brasil, da resistência da fé é o crescimento exponencial dos rebanhos de evangélicos pentecostais e de católicos carismáticos. Ambos acreditam nas manifestações diretas de Deus, em forma de milagres, por exemplo. Recentemente, o Vaticano reconheceu o segundo dos dois milagres necessários para que frei Galvão (1739-1822), frade franciscano que nasceu em Guaratinguetá, no interior de São Paulo, seja aceito como santo, o que deve acontecer em maio, na visita do papa Bento XVI ao Brasil. A professora de química paulista Sandra Grossi de Almeida, católica e devota de Nossa Senhora, já havia perdido três bebês por causa de uma má-formação no útero, um problema congênito. Quando ficou grávida pela quarta vez uma amiga a aconselhou a fazer os rituais de frei Galvão, que consistem em tomar cápsulas de papel com uma reza escrita e fazer novenas. "Também tomava remédios receitados pelo médico. Uma coisa é você ter fé, e outra é ser ignorante e não seguir o que o médico fala", diz Sandra. "A fé e a ciência têm de caminhar juntas. Sem fé, eu não teria conseguido ter o Enzo, meu filho", ela completa.

O Brasil é terreno fértil também para as manifestações acessórias da espiritualidade, como superstições, manias, crença em amuletos, na astrologia e no feng shui. Esse é o território do artista que adiciona uma letra ao nome, do torcedor de futebol que veste uma camisa especial para assistir ao jogo de seu time e dos jovens que usam no pescoço pingentes em forma de pimenta – última moda entre os adolescentes. Como as crenças religiosas, essas manifestações não têm comprovação empírica de que funcionem. Dependem puramente da fé que se deposita nelas. O sociólogo Antônio Flávio Pierucci, da Universidade de São Paulo, autor do livro *A Magia*, tem uma explicação para a devoção às superstições e às manias no dias de hoje. Diz ele: "A mente humana se sente desconfortável com o acaso, ela busca explicações para todas as coisas. Daí nasceram os conceitos de sorte e de azar. Se o acaso ocorre a nosso favor, temos sorte; se ele acontece contra nós, o classificamos de azar".

A ciência já identificou um gene da espiritualidade e conseguiu mapear os circuitos neurais responsáveis pelas emoções ligadas à fé. A evolução gravou em nosso genoma a necessidade

da devoção e isso ajudou a espécie a sobreviver à Idade do Gelo. Como se sabe isso? As pesquisas arqueológicas e antropológicas mostram que diversos tipos de ancestrais humanos conviviam antes da Idade do Gelo, há cerca de 30.000 anos. Quando as geleiras cederam, apenas um tipo predominava, os Cro-Magnon. Eles organizavam-se em famílias, puniam o incesto, enterravam seus mortos, enfeitavam os túmulos, pintavam as paredes das cavernas por deleite estético e espiritual...! Os religiosos enxergam nesse salto evolutivo a interferência direta de Deus nos destinos da humanidade. Os cientistas dizem que a brutal aceleração da competição por recursos escassos e a luta pela sobrevivência em condições climáticas adversas selecionaram os hominídeos de tal forma que restaram apenas aqueles que desenvolveram a capacidade de acreditar. Em quê? Acreditar que aqueles tempos duros iriam passar. Acreditar que uma força superior iria trazer de volta as temperaturas amenas.

A descoberta de um gene da espiritualidade ou os exames de imagem capazes de mostrar os circuitos neurais envolvidos nas emoções suscitadas pelas orações não encerram a busca pelas raízes da fé, uma saga que mobiliza os teólogos desde o início da civilização. Por mais atuante que seja esse gene, ele é certamente apenas um tijolo de uma catedral maior: a vida espiritual humana.

O MESMO TEMPO NA FÉ E NA CIÊNCIA

"O que Deus fazia antes de criar o Céu e a Terra? Fazia o Inferno para os que duvidam." Essa era a resposta dos bispos católicos ao tempo de Santo Agostinho (354-430). Agostinho condenava a resposta. Qual a certa? "Deus não fazia nada." Mas como o todo-poderoso se dava ao luxo de passar o tempo fazendo nada? Agostinho: "Deus não passava o tempo fazendo nada porque o tempo não existia. Deus criou o tempo." É espantoso. Dezesesseis séculos depois, as melhores cabeças científicas saíram-se com a teoria do Big Bang para explicar o surgimento do universo e tudo o que ele significa – inclusive o tempo. O físico inglês Stephen Hawking rejeita a sobreposição de ciência e religião. Em seu livro *Uma Breve História do Tempo*, porém, Hawking é agostiniano ao sugerir que o tempo teve começo e terá fim – ou não teria uma história.

MITOS DO ALÉM, EXPLICADOS PELA CIÊNCIA

Um tipo de experiência alimenta, em especial, mitos e interpretações místicas em todas as culturas – o da quase-morte. São relatos feitos por pessoas dadas como mortas mas que, de modo espontâneo ou com a ajuda da medicina, voltaram à vida. Muitas se referem a túneis de luz ou à sensação de flutuar no ar, de modo a ver do alto o próprio corpo. Nos últimos anos,

pesquisas médicas, principalmente as realizadas com tecnologia de imagem da atividade cerebral e eletroencefalogramas, puderam explicar de forma científica boa parte desses fenômenos.

Flutuar fora do corpo

Enquanto fazia exames numa paciente epilética, o neurologista suíço Olaf Blanke, do Hospital Universitário de Genebra, descobriu que a estimulação de determinada área do cérebro provocava na paciente a sensação de abandonar o próprio corpo e flutuar pela sala. O ponto em questão é o giro angular direito, parte do cérebro localizada no lobo parietal. Essa região é responsável pela percepção espacial que se tem do próprio corpo e do ambiente em torno. Ao estimular o giro angular com pequenas descargas elétricas, Blanke afetou a forma como o cérebro da paciente decodificava a percepção do espaço e dela própria, quebrando a unidade que existe entre o eu e o corpo. Dessa maneira, a paciente se sentia como se estivesse a flutuar no teto, enquanto seu corpo permanecia na cama.

Sentir a presença de espíritos

Os médicos já sabem que isso é causado pela falta de oxigenação do cérebro. Ao estimular com eletrodos o giro angular esquerdo de uma paciente, o médico Olaf Blanke percebeu que ela virava a cabeça como se procurasse alguém dentro da sala. "Quando se desligava a corrente elétrica, a presença estranha sumia", disse Blanke a VEJA. Para o neurologista, o estímulo no giro angular esquerdo criou uma disfunção no circuito neural que levou a paciente à ilusão de uma projeção "torta" do próprio corpo, que ela interpretou como um fantasma.

Uma luz no fim do túnel

Depois de ser ressuscitado, o doente conta ter visto um túnel com uma intensa luz na outra ponta. A neurocientista Susan Blackmore, da Universidade do Oeste da Inglaterra, em Bristol, atribui o relato à ilusão provocada pela falta de oxigênio no cérebro, típica de uma parada cardíaca. As células do córtex visual responsáveis pela visão central são mais numerosas que as da visão periférica e, por isso, vêem a imagem com maior brilho. Para a cientista, essa diferença de luminosidade causa a impressão de existir um túnel com luz intensa no seu final. "É algo puramente biológico que as pessoas tendem a ver como místico", disse Susan a VEJA. "Drogas como LSD, quetamina e mescalina podem produzir o mesmo efeito em algumas pessoas."

Corpo paralisado ao despertar

Quando o corpo atinge um estado de sono profundo, ocorre uma mudança química nas regiões do cérebro responsáveis pela atividade muscular. O objetivo é paralisar os músculos para evitar que os movimentos dos sonhos sejam reproduzidos na vida real. Algumas pessoas acabam despertando durante esse período, com os músculos ainda paralisados. "A sensação é desesperadora e a pessoa sente dificuldade para respirar. Não é incomum ela associar esse evento a experiências espirituais, místicas, demoníacas e até mesmo a encontros com aliens", explica a neurocientista Susan Blackmore.

Toda a sua vida passou diante dos olhos

Muita gente acredita que no momento da morte se vê uma espécie de retrospectiva da própria vida. Para os cientistas, essa retrospectiva é uma alucinação causada pelo cérebro, assim como o encontro com entes queridos já falecidos ou figuras religiosas. Ocorre que, nos momentos finais, regiões do cérebro se tornam hiperativas numa última tentativa de compensar a falta de oxigênio, cujo abastecimento diminui à medida que as batidas do coração se tornam irregulares. "O cérebro então libera substâncias para proteger os neurônios, desligando-os", diz Renato Sabbatini, professor da Universidade Estadual de Campinas. Algumas dessas substâncias agem diretamente nos receptores dos neurônios, causando o que os médicos chamam de dissociação neural. "É isso que provoca alucinações", diz Sabbatini.

Há Muita Fé Na Ciência

Obiólogo americano David Sloan Wilson, da Universidade Binghamton, é autor do livro Darwin's Cathedral. Na obra, ele sustenta que a fé evolui com o homem porque, como outras características da espécie, confere vantagens àqueles que a desenvolvem. Wilson falou a VEJA.

É POSSÍVEL APONTAR AS ALTERAÇÕES BIOLÓGICAS E CULTURAIS QUE LEVARAM AO SURGIMENTO DAS CRENÇAS RELIGIOSAS?

A evolução dotou o homem de um cérebro capaz de pensar de forma simbólica. Essa característica também abriu caminho para o desenvolvimento da cultura. Enquanto os humanos eram apenas caçadores e coletores, vigiavam-se uns aos outros com facilidade dentro dos grupos. Com o advento da agricultura, os grupos ficaram cada vez mais numerosos e a vigilância constante se tornou impossível. Muitos cientistas, entre os quais me incluo, acham que a

invenção dos deuses foi uma forma de advertir os integrantes dos grupos de que estavam sendo vigiados constantemente, mesmo que ninguém estivesse por perto.

O SENHOR COMPARA O SURGIMENTO DAS CRENÇAS E DAS SEITAS RELIGIOSAS ÀS MUTAÇÕES GENÉTICAS: APARECEM DE FORMA ALEATÓRIA E APENAS ALGUMAS PROSPERAM. ISSO SIGNIFICA QUE A TEORIA DA SELEÇÃO NATURAL TAMBÉM FUNCIONA PARA A RELIGIÃO?

A evolução cultural é mais ou menos como a evolução biológica. Apenas as características que ajudam um grupo a funcionar melhor como sociedade são preservadas. Esse processo, claro, não é totalmente perfeito, nem na biologia nem na cultura. A evolução é algo complexo e desordenado.

EM UM MUNDO EXPLICADO PELOS OLHOS DA CIÊNCIA, AINDA HÁ ESPAÇO PARA A FÉ?

Evolucionismo e religião não podem mais ocupar lados opostos do pensamento humano. Sempre haverá espaço para a fé, e ela não está necessariamente limitada à religião. Há muita fé na ciência. Eu, por exemplo, não entendo muito bem a teoria da relatividade de Einstein, mas acredito nela. Quando se pensa na enorme quantidade de descobertas científicas das últimas décadas, conclui-se que os cientistas, de todas as áreas, precisam ter fé nas teorias uns dos outros para seguir pesquisando.

QUAL É A VANTAGEM DE OLHAR A RELIGIÃO COM OLHOS EVOLUCIONISTAS?

Com essa perspectiva, podem-se compreender melhor os dois fenômenos. Se um evolucionista quer descobrir mais sobre a nossa espécie, precisa levar em conta a ubiqüidade da religião, uma de suas características marcantes. Por outro lado, quem está interessado em estudar uma religião tem de levar em conta a evolução, para não ser enganado pelos fatos da vida.

PRÁTICA ALGUMA RELIGIÃO?

Sou ateu, mas um bom ateu. Como os fiéis, também quero paz e um mundo melhor.

Okky de Souza

Enviado por Maurício Gavanski
Templo Espiritualista Sol e Esperança
Curitiba – PR
mugvs@yahoo.com.br

O trabalho na Umbanda

" O trabalho na Umbanda impõe mudanças profundas nos pensamentos, que precisam de tempo para serem consistentes e interiorizados no modo de vida do médium em aprendizado. Ele, conscientemente, deve livrar-se das emoções e dos sentimentos do ego inferior que atingem os corpos mental e astral. Com a sutilização desses envoltórios do espírito imortal, por meio da repercussão vibratória ocasionada pela substituição definitiva da matéria densa que os forma, propiciada por novos pensamentos constantes e mais elevados, esses veículos da consciência acabam " refinados" e os chácras serão ajustados naturalmente às emanções fluídicas superiores dos guias e protetores.

A Umbanda, por ser canal aberto a entrecampo vibratório com o Astral inferior, implica maiores obstáculos aos médiuns. A prática mediúnica umbandista tem de ser continuada por longo tempo, sem interrupções e trilhada com reverência e devoção esmeradas."

Ramatis - A Missão da Umbanda- Edit. do Conhecimento

Enviado por Norberto Peixoto / Choupana do Caboclo Pery
Porto Alegre – RS

norpe@portoweb.com.br

De que Modo Vossa Consciência Pode Auxiliar os Outros ?

“Quando alguém deseja muito auxiliar um grupo de pessoas, isso depende apenas de ele estar em condições de manter firmemente, sentimentos e pensamentos puros e fortes, e permanecer na imperturbável consciência do Bem.

Tampouco existe, no Universo, poder que possa contrapor-se a um bom pensamento ou... manifestar o mal enquanto o indivíduo mantém um pensamento positivo, não permitindo que este seja invadido pelos negativos.

Por isso se diz: “Um com Deus é maioria”. Um único ser, embora não ascensionado, conseguiria salvar a Terra de sua dissolução, se ele pudesse e soubesse manter em sua

consciência somente pensamentos e sentimentos de perfeição, a despeito da opinião das massas, das aparências, das opressões visíveis e invisíveis, mesmo que outros quisessem empreender uma tentativa para arrasar seu modo positivo de agir.

Todas as forças do mal reunidas, mesmo o uso de toda a sua energia, jamais poderão obter a supremacia perante um pensamento, embora pequeníssimo, desde que esteja em concordância com o Plano Divino, enquanto a emanção de vida que mantém esse pensamento não desanimar nem perder a esperança.

Junto à vossa própria e grande perseverança espiritual, sabeis que trazeis também um armamento intocável e um poder incomensurável para curar e manter a paz e que será vosso, enquanto não trocardes vossos pensamentos positivos pelos negativos”.

Santo Aéolo

Fonte: “A Consciência Divina” – 2ª edição – Porto Alegre, RS

Ponte para a Liberdade, 2005, p. 11.

Enviado por Norberto Peixoto
Choupana do Caboclo Pery - Porto Alegre – RS

norpe@portoweb.com.br

Ciência e Vida

Achada no cérebro a origem do comportamento Altruísta.

Cientistas brasileiros e americanos mostram que a generosidade surgiu como estratégia evolutiva do homem .

Um grupo de cientistas brasileiros e americanos acaba de identificar no cérebro a origem do comportamento altruísta .

O estudo, publicado na prestigiada “Proceeding of the National Academy of Sciences (PNAS)”, indica: Que fazer o bem foi uma importância estratégica evolutiva para garantir o sucesso do homem.

Estudos recentes já demonstraram as vantagens evolutivas da cooperação e das trocas interpessoais. Para além disso, o grupo decidiram pesquisar o comportamento altruísta caracterizado, sobretudo, por doações anônimas a instituições de caridade, aquelas que não trazem nenhum ganho social ou financeiro.

Mapeando, por ressonância magnética, o cérebro de 19 indivíduos, os pesquisadores constataram que, ao fazerem as doações anônimas, as pessoas ativaram o chamado sistema de recompensa do cérebro. Esse sistema é responsável por associar sensações de prazer a determinados comportamentos, sobretudo os considerados importantes para a perpetuação da espécie, como sexo por exemplo. A estratégia garante que se voltará a buscar algo positivo do ponto de vista da evolução.

Constatamos que quando faziam doações para uma causa que consideravam justa, as pessoas tinham seu sistema de recompensa ativado- conta o coordenador da unidade Neurociência Cognitiva e Comportamental da Rede D’Or e pesquisador associado do Instituto Nacional de Saúde de Bethesda, nos Estados Unidos, Jorge Moll, um dos autores do estudo – Como doações eram anônimas, isso só pode ser explicado porque existe uma sensação recompensadora de fazer o bem, ligada a sistemas inatas do cérebro. Ou seja, encontramos uma base neurológica para esse mecanismo .

Curiosamente, o mesmo sistema de recompensa também é ativado quando, por exemplo, se recebe dinheiro. Porém, os cientistas constaram que o altruísmo ativa ainda uma região mais primitivas, chamada córtex subgeual, ligada à formação de laços sociais e ao amor.

A caridade está ligada ao apego a causas abstratas, ideológicas e políticas. Mas envolve mecanismo muito primitivos do cérebro relacionados a forma mais simples de apego, como o amor de mãe e filho e o amor romântico- explica Moll.

Isso não acontece por acaso, segundo o cientista.

A capacidade de se apegar a manifestações simbólicas e abstratas, como religião e arte, provavelmente teve um grande papel na evolução humana . Certamente esse mecanismo foi selecionado por ser benéfico para o sucesso da espécie . Dar valor a praticas culturais é uma forma muito poderosa de estimular a cooperação, especialmente entre os não geneticamente relacionados.

Fonte: O Globo

enviado por Ivan Cabrera
Sociedade Espiritualista Caminheiros da Luz
Curitiba – PR

ivan.g.cabrera@terra.com.br

Escutatória

Sempre vejo anunciados cursos de *oratória*. Nunca vi anunciado curso de *escutatória*.

Todo mundo quer aprender a falar. Ninguém quer aprender a ouvir.

Pensei em oferecer um curso de escutatória. Mas acho que ninguém vai se matricular.

Escutar é complicado e sutil.

Diz o Alberto Caeiro que "não é bastante não ser cego para ver as árvores e as flores. É preciso também não ter filosofia nenhuma". Filosofia é um monte de idéias, dentro da cabeça, sobre como são as coisas. Aí a gente que não é cego abre os olhos. Diante de nós, fora da cabeça, nos campos e matas, estão as árvores e as flores.

Ver é colocar dentro da cabeça aquilo que existe fora. O cego não vê porque as janelas dele estão fechadas.

O que está fora não consegue entrar. A gente não é cego. As árvores e as flores entram. Mas - coitadinhas delas - entram e caem num mar de idéias. São misturadas nas palavras da filosofia que mora em nós. Perdem a sua simplicidade de existir. Ficam outras coisas. Então, o que vemos não são as árvores e as flores. Para se ver é preciso que a cabeça esteja vazia.

Parafraseio o Alberto Caeiro: "Não é bastante ter ouvidos para se ouvir o que é dito. É preciso também que haja silêncio dentro da alma". Daí a dificuldade: a gente não agüenta ouvir o que o outro diz sem logo dar um palpite melhor, sem misturar o que ele diz com aquilo que a gente tem a dizer. Como se aquilo que ele diz não fosse digno de descansada consideração e precisasse ser complementado por aquilo que a gente tem a dizer, que é muito melhor. No fundo somos todos iguais às duas mulheres do ônibus. Certo estava Lichtenberg - citado por Murilo Mendes: "*Há quem não ouça até que lhe cortem as orelhas*". Nossa incapacidade de ouvir é a manifestação mais constante e sutil da nossa arrogância e vaidade: no fundo, somos os mais bonitos...

Tenho um velho amigo, Jovelino, que se mudou para os Estados Unidos, estimulado pela revolução de 64. Pastor protestante (não "evangélico"), foi trabalhar num programa educacional da Igreja Presbiteriana USA, voltado para minorias. Contou-me de sua experiência com os índios.

As reuniões são estranhas. Reunidos os participantes, ninguém fala. Há um longo, longo silêncio. (Os pianistas, antes de iniciar o concerto, diante do piano, ficam assentados em silêncio, como se estivessem orando. Não rezando. Reza é falatório para não ouvir. Orando. Abrindo vazios de silêncio. Expulsando todas as idéias estranhas.

Também para se tocar piano é preciso não ter filosofia nenhuma). Todos em silêncio, à espera do pensamento essencial. Aí, de repente, alguém fala. Curto. Todos ouvem. Terminada a fala, novo silêncio. Falar logo em seguida seria um grande desrespeito. Pois o outro falou os seus pensamentos, pensamentos que julgava essenciais. Sendo dele, os pensamentos não são meus. São-me estranhos. Comida que é preciso digerir. Digerir leva tempo. É preciso tempo para entender o que o outro falou. Se falo logo a seguir são duas as possibilidades. Primeira: "Fiquei em silêncio só por delicadeza. Na verdade, não ouvi o que você falou. Enquanto você falava eu pensava nas coisas que eu iria falar quando você terminasse sua (tola) fala. Falo como se você não tivesse falado".

Segunda: "Ouvi o que você falou. Mas isso que você falou como novidade eu já pensei há muito tempo. É coisa velha para mim. Tanto que nem preciso pensar sobre o que você falou". Em ambos os casos estou chamando o outro de tolo. O que é pior que uma bofetada. O longo silêncio quer dizer: "Estou ponderando cuidadosamente tudo aquilo que você falou". E assim vai a reunião.

Há grupos religiosos cuja liturgia consiste de silêncio. Faz alguns anos passei uma semana num mosteiro na Suíça, Grand Champs. Eu e algumas outras pessoas ali estávamos para, juntos, escrever um livro. Era uma antiga fazenda. Velhas construções, não me esqueço da água no chafariz onde as pombas vinham beber. Havia uma disciplina de silêncio, não total, mas de uma fala mínima. O que me deu enorme prazer às refeições. Não tinha a obrigação de manter uma conversa com meus vizinhos de mesa. Podia comer pensando na comida. Também para comer é preciso não ter filosofia. Não ter obrigação de falar é uma felicidade. Mas logo fui informado de que parte da disciplina do mosteiro era participar da liturgia três vezes por dia: às 7 da manhã, ao meio-dia e às 6 da tarde. Estremeci de medo. Mas obedeci.

O lugar sagrado era um velho celeiro, todo de madeira, teto muito alto. Escuro. Haviam aberto buracos na madeira, ali colocando vidros de várias cores. Era uma atmosfera de luz mortiça, iluminado por algumas velas sobre o altar, uma mesa simples com um ícone oriental de Cristo. Uns poucos bancos arranjados em U definiam um amplo espaço vazio, no centro, onde quem quisesse podia se assentar numa almofada, sobre um tapete.

Cheguei alguns minutos antes da hora marcada. Era um grande silêncio. Muito frio, nuvens escuras cobriam o céu e corriam, levadas por um vento impetuoso que descia dos Alpes. A força do vento era tanta que o velho celeiro torcia e rangia, como se fosse um navio de madeira num mar agitado. O vento batia nas macieiras nuas do pomar e o barulho era como o de ondas que se quebram. Estranhei. Os suíços são sempre pontuais. A liturgia não começava. E ninguém tomava providências. Todos continuavam do mesmo jeito, sem nada fazer.

Ninguém que se levantasse para dizer: Meus irmãos, vamos cantar o hino... Cinco minutos, dez, quinze. Só depois de vinte minutos é que eu, estúpido, percebi que tudo já se iniciara vinte minutos antes. As pessoas estavam lá para se alimentar de silêncio. E eu comecei a me alimentar de silêncio também. Não basta o silêncio de fora. É preciso silêncio dentro. Ausência de pensamentos. E aí, quando se faz o silêncio dentro, a gente começa a ouvir coisas que não ouvia. Eu comecei a ouvir.

Fernando Pessoa conhecia a experiência, e se referia a algo que se ouve nos interstícios das palavras, no lugar onde não há palavras.

E música, melodia que não havia e que quando ouvida nos faz chorar.

A música acontece no silêncio.

É preciso que todos os ruídos cessem.

No silêncio, abrem-se as portas de um mundo encantado que mora em nós - como no poema de Mallarmé, A catedral submersa, que Debussy musicou.

A alma é uma catedral submersa.

No fundo do mar - quem faz mergulho sabe - a boca fica fechada.

Somos todos olhos e ouvidos.

Me veio agora a idéia de que, talvez, essa seja a essência da experiência religiosa - quando ficamos mudos, sem fala.

Aí, livres dos ruídos do falatório e dos saberes da filosofia, ouvimos a melodia que não havia, que de tão linda nos faz chorar.

Para mim Deus é isto: a beleza que se ouve no silêncio.

Daí a importância de saber ouvir os outros: a beleza mora lá também.

Comunhão é quando a beleza do outro e a beleza da gente se juntam num contraponto.

Rubem Alves

Enviado por Norberto Peixoto

Choupana do Caboclo Pery
Porto Alegre – RS

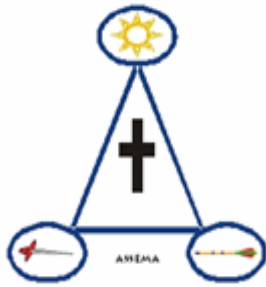
norpe@portoweb.com.br

Pesquisa do Correio da Umbanda

O Correio da Umbanda continua com sua pesquisa para ficar cada vez mais perto de você! Escutar suas opiniões, críticas, elogios, sugestões, para se aprimorar a cada dia.

Para isso contamos com a sua participação em nossa pesquisa. Queremos saber quem são vocês, nossos leitores, e de que lugar do Brasil ou do mundo vocês lêem nosso jornal.

Então, se você ainda não participou, mande um e-mail para pesquisa.correiodaumbanda@gmail.com com seu nome, idade, cidade, instituição que participa, e quaisquer outras informações que desejar.



Associação Espiritualista Mensageiros de Aruanda
Fundado em 5 de dezembro de 2003

Rua Marcílio Dias, 433 - Bairro Alto - Curitiba-PR

Dirigentes: Marco Boeing e Fátima Boeing

marco@ics.curitiba.org.br

Os trabalhos são realizados aos sábados, a partir das 16 horas

Programação habitual: passes na Linha de Caboclos,
atendimento na Linha pretos-velhos
atendimento da Linha de Exús

de acordo com calendário:

chamadas nas linhas de Xangô, Ogum, Yemanjá, Iansã e Oxum
chamadas nas linha auxiliares: Boiadeiros, Marinheiros, Ciganos e Baianos



Associação de Pesquisas Espirituais Ubatuba
Templo de Umbanda Branca do Caboclo Ubatuba
Fundado em 17 de janeiro de 1981

Rua Romildo Finozzi, 137

Jardim Catarina (Zona Leste) - São Paulo/SP - CEP 03910-040

Dirigente espiritual: Silvio F. Costa Mattos

Email para contato: scm-bio@bol.com.br



Centro Espiritualista Caboclo Pery

Fundado em 23 de setembro de 1998

Rua 21, Quadra 30, Lote 10

Loteamento Maravista - Itaipu - Niterói-RJ

<http://www.cabocloperly.com.br>

Dirigente: Mãe Iassan Ayporê Pery

contato@cabocloperly.com.br



Grupo Espiritualista Caboclo Pena Azul

Fundado em 02 de outubro de 2005

Rua Major Pedro de Abreu Finkensieper, 1840 Novo Mundo
Curitiba - PR

<http://www.gecpa.bravehost.com/news.html>

Dirigente: Sergio Kunio Kawanami

gecpa@googlegroups.com



T.U.T.C. – Templo de Umbanda Tia Conceição

Rua Camé, 810 – Mooca
São Paulo / SP

DDirigente
Hégina Aignez Pereira



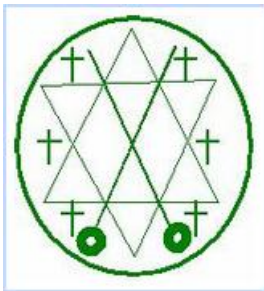
Centro de Umbanda Caboclo Arruda

Rua Bandeirantes Dias Cortes, 166 Jardim Social -
Curitiba - PR

Dirigente: Edward James Harrison (Jimmy)
edwardjamesharrison@yahoo.com.br

Umbanda Esotérica. Os trabalhos são realizados às quintas-feiras, a partir das 20 horas.

Primeira quinta-feira: Linha auxiliar Segunda quinta-feira: Linha de Pretos-velhos
Terceira quinta-feira: Linha do Oriente Quarta quinta-feira: Linha de Caboclos
Paralelamente as giras são realizadas sessões de apometria



Centro de Umbanda Pai João da Angola

Fundado em 1990

Rua Cachineses, 03 - Itaquera
CEP: 08290-320 - São Paulo / SP

Ritual da Casa: Umbanda Branca

Os trabalhos são realizados aos sábados a partir das 18h00, sendo o último sábado de cada mês destinado aos trabalhos com a falange da esquerda.

Dirigente: Fatima F. de O. Rodrigues
Email para contato: sandra@tendai.com.br

Choupana do Caboclo Pery

Fundada em 13 de maio de 2006

Rua Antunes Ribas, 297 - Bairro Jardim Itú - Porto Alegre - RS
Casinha de madeira, azul, janelas brancas, com coqueiro na frente.

<http://www.choupanadocaboclopery.blogspot.com/>
Contato: sarava@portoweb.com.br (51) 9918 1827

Dirigente Espiritual: Norberto Peixoto

Horários e dias de atendimento

Sábados: caridade pública – passes e consultas- , sessões quinzenais
15:30 h - palestra universalista 16:00 h - abertura sessão de caridade
17:30 h - encerramento

Segundas-feiras: corrente de cura e desobsessão do sr. Pena Branca apometria e oriente, atendimento semanal, somente com marcação nas consultas por Entidade manifestada.



**Templo de Umbanda Vozes de Aruanda
Fundado em 2003 - Regência de Xangô**

Rua Gabriel A.Gomes, 22
Bairro Frinape - CEP 99.700-000 - Erechim - RS

Dirigente: Leni Winck Saviscki

Email para contato: eumesma@st.com.br
Sessões às sextas-feiras às 19:30 h

**Templo a Caminho da Paz - Cantinho de Pai Cipriano
Fundado em 20 de janeiro de 2001**

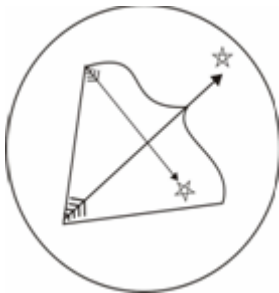
Rua Pompilho de Albuquerque, nº 236
Bairro Encantado - Rio de Janeiro - RJ

<http://www.caminhodapaz.com.br>

Dirigente: Armando Carvalho Fernandes

Email para contato: paicipriano@uol.com.br

Sessões as terças e quintas as 20:00 e aos sábados as 18:00
Para ver detalhes entre no site e clique no link calendários



**Tenda Espírita do Caboclo Tupi
Fundada em 01 de janeiro de 1988**

Rua José Ferreira da Costa, 02 – Bairro Santa Carmélia
CEP 79.115-000 - Bairro Santa Carmélia - Campo Grande – MS

Email para contato

tectupi@yahoo.com.br

**Marcos Chastel Dutra dos Santos - Presidente
Carlos Alberto Dutra dos Santos - Dirigente Espiritual
Luiz Gomes Dias - 1º Secretário**

Programação dos Trabalhos: 4ª feira das 19:30hs às 22:00hs
Sábado das 15:30hs às 19:00hs

**Templo Espiritualista Sol e Esperança
Fundado em 17 de janeiro de 1980**

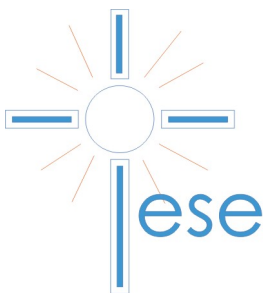
<http://soleesperanca.z6.com.br>

Dirigentes: Magali Okazaki e Massatake Okazaki (Eduardo)

revema.pr@terra.com.br

Os trabalhos são realizados aos sábados

Programação habitual: Passes na linha Caboclos e consultas na linha Pretos-Velhos.
Segundo a necessidade é feita chamada especial na Linha do Oriente.
Mensalmente, no sábado mais próximo da lua cheia, gira na Linha da Quimbanda.



Expediente

Nome: Correio da Umbanda

Periodicidade: Mensal. Primeira edição: 01/01/2006

Montagem das edições: Fátima, Gabriel, Karen, Marco, Nelma e Paulo

Formato:

- eletrônico (PDF - para ser lido com [Foxit PDF Reader](#) ou [Adobe Acrobat Reader](#))
- não haverá impressão em papel
- cada leitor poderá imprimir suas edições de acordo com a sua necessidade e conveniência

Contribuições:

- já devem estar digitadas, preferencialmente, no formato do word (.doc)
- devem conter nome do autor
- devem conter nome do agrupamento ou instituição a que pertence
- devem conter nome, endereço, página na internet (se existente) do Templo onde o agrupamento atua
- ao extrair informações de outras publicações ou sites na internet devem ser mencionadas suas fontes, como referências bibliográficas
- devem ser enviadas para correiodaumbanda@gmail.com

Forma de divulgação:

- envio de email a contato nos agrupamentos, para repasse posterior
- download a partir de sites ligados a Umbanda, onde for permitida hospedagem

Faz parte do propósito do Correio da Umbanda:

- Compartilhar informações sobre a Umbanda
- Compartilhar vivências na Umbanda
- Usar de bom senso ao argumentar e expor entendimento e opinião
- Que cada artigo a ser divulgado deva refletir a opinião de cada autor, e não representar a opinião de agrupamento, templo ou instituição
- Que a partir das informações divulgadas os leitores possam refletir, tirar suas conclusões e filtrando aquilo que acharem adequado, possam enriquecer seu conhecimento
- Estimular a concórdia e a união, a convergência gradual e pacífica e o respeito a diversidade
- Aproximar a comunidade Umbandista. Para isso, ao final de cada edição, será divulgado nome, agrupamento e templo ou instituição a que pertence, atua ou atou cada autor dos artigos divulgados.

NÃO FAZ PARTE DO PROPÓSITO do Correio da Umbanda:

- promoção pessoal, de agrupamento, de Templo ou Instituição
- divulgação de informações que não digam respeito a Umbanda
- codificação, uniformização ou imposição de práticas, ritos ou elementos doutrinários
- imposição de entendimento ou opinião
- divulgação política
- cessão de espaço de divulgação através de patrocínio